

The background is a dark, textured charcoal grey. In the four corners, there are white network diagrams consisting of small circular nodes connected by thin white lines, forming irregular geometric shapes.

ROTAS RUTAS

Cláudia Zanatta e Rosa Blanca (orgs)

PPGART
editora



Hanna Levy Deinhard, migrante

Daniela Kern

Nos últimos anos tem havido, no cenário acadêmico internacional, um crescente interesse pelo resgate, documentação e debate das diásporas, das migrações e dos exílios. Mais do que uma moda teórica, trata-se da real oportunidade de recuperar vivências, experiências e ideias de uma variada população forçada ao deslocamento e ao desenraizamento por questões sociais, políticas ou econômicas. Dentro desse amplo espectro de pesquisa, proponho aqui pensar a questão do exílio e da migração a partir de um caso exemplar, o da historiadora da arte Hanna Levy Deinhard (1912-1984), que pesquiso já há alguns anos. A biografia dessa judia alemã que para escapar ao nazismo se exilou na França, depois no Brasil, migrando mais tarde para os Estados Unidos e para Israel, tem recebido, é verdade, novos capítulos recentemente.¹ Mesmo que vá seguir uma ordem cronológica, delimitada pelas cidades em que viveu no exílio, não proponho aqui, no entanto, propriamente uma biografia, mas a recuperação das impressões de exilada e migrante de Hanna Levy Deinhard, que felizmente nos deixou uma série de depoimentos que

¹ Para biografias de Hanna Levy Deinhard, conferir sobretudo BELOW, 2005; BELOW, DROGAMACI, 2016; KAPSNER, 2012 e WENDLAND, 1999. Para um panorama dos estudos sobre exílio, conferir por exemplo CARNEIRO, STRAUSS, 1996; KOIFMAN, 2002 e RABINBACH, 2001.

nos permitem reconstituí-las. Também chamo a atenção para o fato de que ainda temos bastante o que refletir sobre as condições materiais da vida de historiadoras da arte como ela, bastante fragilizadas, de resto, como veremos, pelo exílio. Passemos então a percorrer, com Hanna Levy Deinhard, suas impressões sobre os locais em que viveu.

Paris

Com a ascensão do nazismo na Alemanha, Hanna Levy Deinhard, que na época assinava apenas Hanna Levy, junto com seu companheiro Fritz Deinhard, busca o exílio na França. O Doutorado interrompido em Munique será recomeçado na Sorbonne, em Paris, sob orientação de Henri Focillon, e concluído em 1936. Sobre a vida que levava em Paris com Fritz nos anos 1930 ela haveria de escrever bem mais tarde, em carta à Fayga Ostrower de 7 de dezembro de 1956, mandada de Haifa, Israel:² moraram por quatro anos no “At home”, 7 rue Thénard perto do Collège de France e do Museu Cluny, em pleno Quartier Latin. Falar sobre Paris para os amigos, no entanto,

² DEINHARD, 7 dez. 1956. Agradeço à Noni Ostrower que gentilmente me disponibilizou o acesso às cartas trocadas entre os Deinhard e os Ostrower, em tradução do alemão de Bettina Grieco.

desperta lembranças difíceis, como Hanna narra na carta:

Pesa-me o coração quando escrevo sobre essas coisas – Fritz amava Paris tão infinitamente, e quando estivemos lá há quatro anos, ficamos ambos muito melancólicos, porque já não era mais a nossa velha Paris (tão empobrecida, tão desgastada em relação à antigamente), e porque sabíamos, que não poderíamos mais morar ali, e porque todos os nossos amigos estavam mortos ou espalhados pelo mundo.³

Na mesma carta conta que Fritz gostava muito da Place des Vosges (“mas que lugar de Paris que ele (e eu) não gostava?”). O período feliz de Hanna e Fritz em Paris seria interrompido por novo processo de imigração. Dessa vez a cidade escolhida era Nova York. De sua morada na rue Thénard Hanna Levy explica, em carta a Max Horkheimer (**Fig. 1**), com quem começara a se corresponder na época, quais são suas preocupações no momento:

Na verdade, gostaria muito de continuar meu trabalho científico; devido às condições de imigração, no entanto, sou inicialmente forçada a criar uma base econômica para minha vida.⁴

³ DEINHARD, 7 dez. 1956.

⁴ LEVY, 1936.

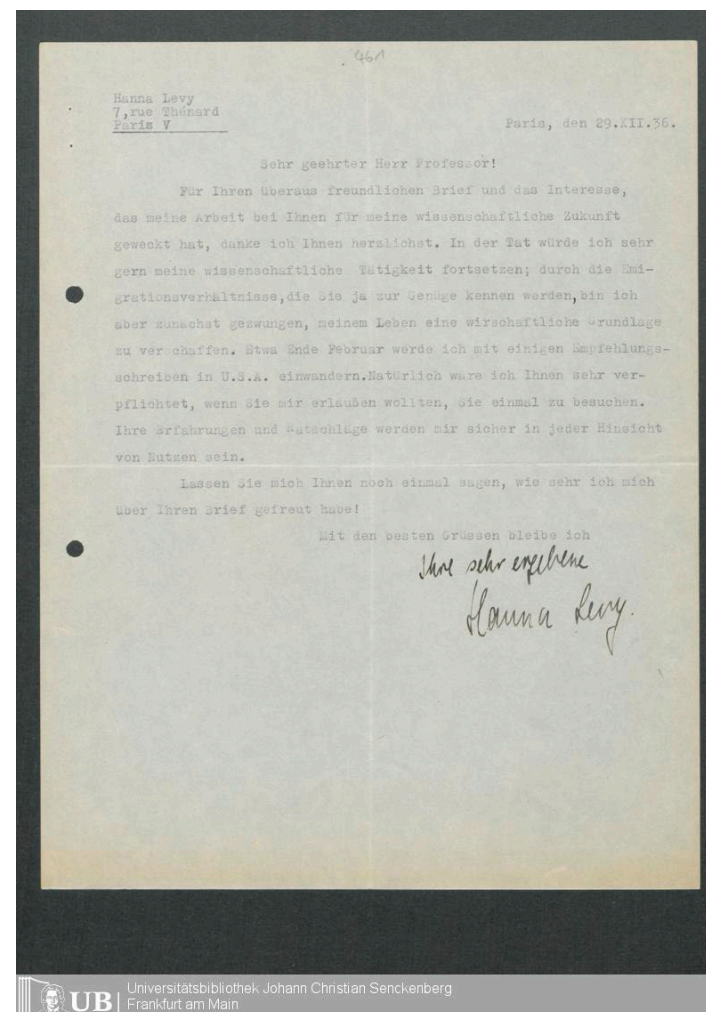


Fig.1. Carta de Hanna Levy a Max Horkheimer, Paris, 29 dez. 1936.

Fonte: <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002322>

A preocupação financeira atormentará a historiadora da arte, como veremos, ao longo de boa parte de sua vida. Efeitos adversos, sem dúvida, do exílio. O visto americano não foi, no entanto, concedido a Hanna Levy, e por sugestão de Horkheimer⁵ ela decide se mudar com Fritz para o Brasil.

Rio de Janeiro

Já instalada no país, em carta de 8 de setembro de 1938⁶ a Friedrich Pollock (Fig. 2), amigo de Horkheimer que a auxiliou no processo de imigração, resume sua situação no Brasil e a preocupação com aqueles que permaneceram na Europa.

Mas mesmo à parte de todos os planos futuros, que parecem se permitir, tenho a sorte de poder resumir que o resultado da minha estada de quase um ano no Brasil é definitivamente positivo. Tenho muito medo de que quase nenhum dos emigrantes na Europa possa fazer esta afirmação. Os relatórios que recebo de lá - de todo o mundo - são todos igualmente sombrios.⁷

⁵ Para detalhes sobre o processo de exílio de Hanna Levy no Brasil, Wconferir KERN, 2016.

⁶ Hanna Levy Deinhard datilografou por engano na carta o ano de 1937, ano em que chega ao Brasil. Esta carta foi escrita cerca de um ano após sua chegada, logo se trata de 1938.

⁷ LEVY, 1938.

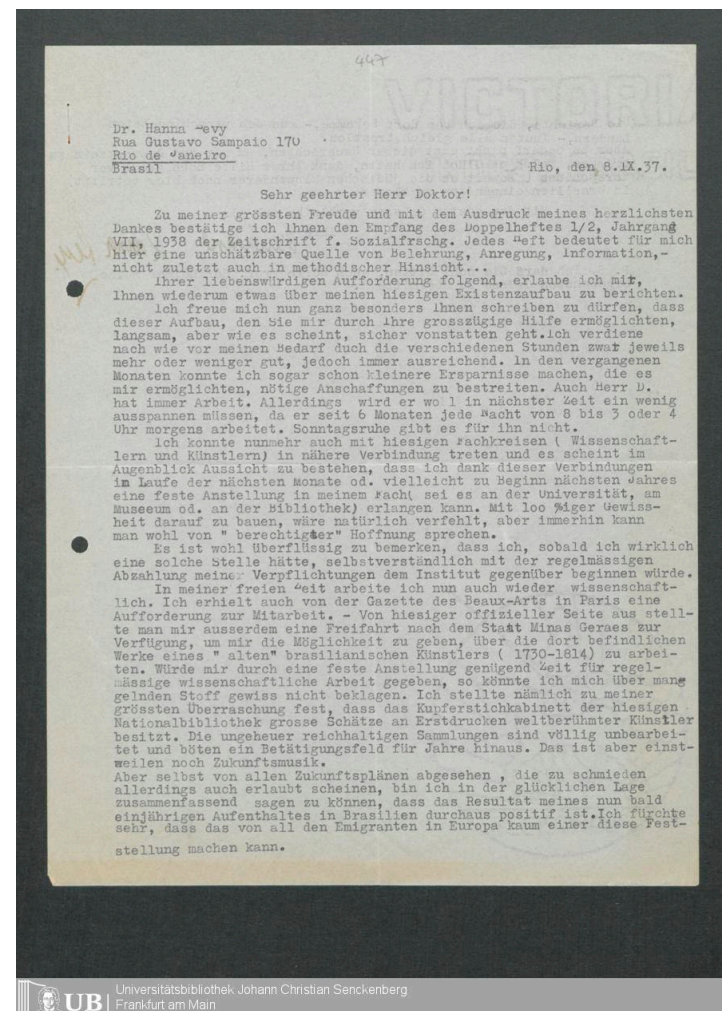


Fig. 2. Carta de Hanna Levy a Friedrich Pollock, Rio de Janeiro, 8 set. 1938.

Fonte: <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002306>

Os dez anos em que Hanna e Fritz vivem no Brasil teriam seus altos e baixos. A luta por meios de subsistência em um ambiente com poucas instituições artísticas é uma constante. Assim se multiplicam os cursos que Hanna Levy Deinhard ministra no país, enquanto o trabalho no SPHAN lhe garante uma renda fixa. A vontade de trocar o Brasil com um país com maiores recursos artísticos, no entanto, não irá abandoná-la.

Nova York

Em 1948 Hanna e Fritz Deinhard se mudam outra vez, agora para Nova York. As cartas Hanna e Fritz trocaram no período com Fayga e Heinz Ostrower e também com o casal Portinari nos permitem acompanhar suas impressões de recém-chegados e seus esforços de adaptação ao novo ambiente. Em 4 de maio de 1948 Hanna comenta como ficam cansados, nesses primeiros tempos, de se comunicar em inglês. Também fala com admiração do cenário cultural de Nova York, que compara com o carioca, e não deixa de demonstrar que as preocupações financeiras continuam existindo:

Penso frequentemente em você, Fayga, quando olho os quadros! Antes

de mais nada, fiquei um pouco transtornada ao ficar diante dos originais. A diferença é realmente brutal, ainda maior, do que tinha consciência após 10 anos no Rio. Agora já me “estou satisfeita” novamente, e já passo com desdém diante dos quadros, pelos quais teria me mordido para ver no Rio.[...]. Estamos por ora evitando música e cinema, por motivos de economia. O que não excluiu, que assistíssemos a concertos na Frick Collection.

Aliás, essas preocupações ganharão um espaço importante na carta de Hanna. A certa altura conta aos amigos os esforços que ela e Fritz fazem para se manter em Nova York:

Fritz tem que esperar seis meses, até que possa entrar na associação e sem a Union sem emprego. Ganhei meus primeiros 24 dólares dando aula. Eu faço visitas guiadas com uma turma de meninas brasileiras no Metropolitan, e tento ensinar-lhes uma série de conceitos fundamentais primitivos.⁸

Hanna também admite ressentimento para com o Brasil, referindo-se a experiências difíceis que enfrentou no trabalho, relacionadas a sua recusa a elogiar indistintamente a arte colonial do país: “Desenvolvi atualmente um complexo contra o Brasil, que eventualmente passará com o tempo. Por ora, de qualquer maneira não consigo me convencer, e

elogiar as indisponíveis belezas da arte colonial.”⁹

Na carta de 6 de junho de 1948 Hanna conta a Fayga e Heinz que conseguiu emprego na New School for Social Research e se mostra bastante satisfeita com as perspectivas profissionais que começam a se abrir para ela em Nova York: “Claro que estamos felizes com meu emprego, principalmente, por que a New School, por assim dizer, deve ser um trampolim por aqui. Aliás é muito bom estar aqui”.¹⁰

O trabalho logo começa a render bons frutos e reconhecimento, mas a preocupação com dinheiro continua, como conta Hanna ao casal Ostrower em 27 de janeiro de 1949:

Meu primeiro semestre terminou com sucesso, e um de meus melhores alunos (um jovem que quer ser pintor) até me disse, que todos os outros cursos que ele fez pareciam superficiais depois de ter feito o meu. Ha! Esperemos que a esse sucesso moral e científico, se junte em breve, o monetário.¹¹

Mesmo que os comentários esparsos sobre finanças pontuem a correspondência de Hanna (e Fritz) com os Ostrower, raramente recebem grande espaço nas cartas.

9 DEINHARD, 1948a.

10 DEINHARD, 1948b.

11 DEINHARD, 1949a.

Exceção ocorre em carta de 3 de agosto de 1949, na qual Hanna se lamenta longamente da situação monetária que estão vivendo em Nova York. Vale a pena reproduzir o trecho na íntegra:

Agora sobre nós: não temos muitas novidades, e as finanças estão miseravelmente ruins, durante o período das vacas magras com exceção das horas (14 dias) com meu pequeno grupo e dos alunos de Fritz, não entrou um cent, por outro lado, muitos cents foram gastos para alimentação e outros. Nossa disposição, contudo, – pessoas pouco sólidas que somos – não está de modo algum pressionada e desanimada. Nós tivemos realmente que arrancar os cabelos, – mas não me prometo nada nessas atividades, então por quê? Como os austríacos imperiais e reais gostavam de dizer, nossa situação é desesperadora, mas não é grave. Chega disso, vamos voltar à Arte, que é conhecidamente o melhor consolo da humanidade.¹²

A carta escrita pouco tempo depois, em 17 de outubro de 1949 (**Fig. 3**), ao casal Portinari, Maria e Candido, não demonstra a mesma intimidade e assuntos financeiros não são mencionados. Mas Hanna deixa ali claro o que os levou a esse “autoexílio” em Nova York: “Como nós não vínhamos com a ideia de encontrar aqui um paraíso terrestre, mas sim com a ideia de encontrar museos, bibliotecas, escolas, etc., estamos muito contentes aqui”.¹³

Cinco anos depois, mudanças voltam a ser tema

13 DEINHARD, 1949c.

F-0306
Hanna Leibhard
121 E 67th St.
New York 23, N.Y.

CP-1541.4
October 17, 1949.

Amigos Maria e Caminho,-
como vão todos em sua casa? Espero que muito bem, e também espero que
ainda não se esqueceram completamente de mim. Tive grande alegria quando
Linda Hyington me mandou as fotografias do "piradentes". gostei imensamente
e achei particularmente interessante pelo fato de ser ao mesmo tempo
verdadeiro painel histórico e moderno. Isto é tão raro hoje em dia. Quasi
sempre as pinturas históricas ficam umas drogas do ponto de vista artístico,
ou, se estão bem resolvidas artisticamente, não o caráter histórico?

Em Dezembro as fotos vão sair publicadas em "Art News", com texto expli-
catório meu. Foi muito espreçado, quando telefonei para o diretor de "Art
News" dizendo que tinha fotos de uma obra recente de portinari para ofere-
cer, ele fingiu de não ter interesse algum, mas eu poderia mandar, para ele
ver. Eu disse que não mandaria, pois que tinha só uma copia e que era
coisa importante. Ele então se disse, -"Como querendo dizer: "se a senhora
faz questão de perder o seu tempo" - que poderia mostrar a ele. Ora, quando
ele viu e que expliquei o que era, ele era entusiasmado, - imediatamente.
Acho que figura do jovem Piradentes muito parecido com Jefferson, com Peyton
e mais uma porção de gente revolucionaria. Eu disse que era isto mesmo.
Ele pediu também fotos de estudos para o painel. Eu inventei que não tinha,
que voce apenas fazia estudos de detalhes em quantidade, depois usando
livremente. De evidente aburdo com painel de 18 metros. Mas o homem achou
certo. Parece (não tenho certeza) que quer publicar juntamente alguma coisa
de voce de enxada cultural inglesa. Mas uma coisa ele pediu, ter um ou
2 fotos do edificio do Oscar, onde o piradentes será colado. Eu prometi
a ele investigar se era possível. Pois eu gostaria muito que sejam publicadas
justas os seus nomes, - os mais conhecidos (praticamente os únicos conheci-
dos) artistas do Brasil. Agora estou-lhes pedindo um favor, já escrevi
ao Oscar Niemeyer pedindo tais fotos, mas como não sei, se ele é um pouco
de peito de gata - sabe como é, sempre esquecendo as coisas de coisas-
gostaria que você ou Camilo indagasse de vez em quando se ele já man-
dou, ou se não poder ser. Preciso as fotos até fins de Novembro ao mais
tarde. Não posso oferecer pagamento, pois também não estarei pago pelas
fotos. É provável que receberei alguma coisa para o texto, quanto não
sei.

Fiquei meio desapontada com o tal famoso Museum of Modern Art. Todo mundo
se diz, é verdade, que pintaram nos últimos anos. Pois atualmente eles
não fazem mais distingo alguma, assim os parece, entre coisas de qualidade
artística e simplesmente drogas que se intitulam "modernas". Já em 1930
muito mais, pois o publico que se vendeu já não entende mais, fica tomando
as coisas mal feitas por exemplo de arte moderna "tout court".

Não vi nada de novos artistas americanos que seria coisa extraordinária; é
verdade que o lado puramente técnico é quasi sempre bastante bom, mas o
lado intelectual ou estile ou expressão ou como quer que queira chamar é muito
baixo e muitas vezes tipo Picasso mal entendido, sobretudo um tal Milton
Lavery.

Como não não visitamos com a ideia de encontrar aqui um paraíso terrestre,
mas sim com a ideia de encontrar museus, bibliotecas, escolas, etc. esta-
mos muito contentes aqui. Achei aqui pouco tempo um lugar para estudar
história da arte, e os alunos estão gostando de mim. Um dos meus cursos do
ano passado tinha por titulo "Art of Our Time". Começei com Courbet e tinha
marcado no programa que a ultima aula seria sobre os mexicanos e portinari.
Infelizmente não deu tempo bastante, mas este ano já mostrei 3 coisas de
Camilo. Na primavera um curso meu tem o nome de "Revolutionary" art from
David to Picasso. Esquecerei mostrar como o termo "revolucionario" em arte
pode ter significações as mais diversas, que, por exemplo, portinari não
tanto negro não é necessariamente por isso um artista "revolucionario", se
as coisas ambientas, etc.

Fig. 3. Carta de Hanna Levy ao casal Portinari, Nova York, 17 out. 1949.

Fonte: <https://artsandculture.google.com/>

[asset/8wHfPbaiJiDfQ?childAssetId=QgGsl3_NDJEV9A&hl=pt-br](https://artsandculture.google.com/asset/8wHfPbaiJiDfQ?childAssetId=QgGsl3_NDJEV9A&hl=pt-br)

das cartas Wtrocadas com o casal Ostrower. Amigos em comum especulam sobre a volta dos Deinhard ao Brasil. Hanna trata de enfaticamente desfazer esse rumor em carta de 21 de Novembro de 1954:

Não, a impressão que Roberto, Paulo Boavista (sem falar de Dorothea, que quase não conheço e que foi contaminada por essa ideia) levantou, de que eventualmente tivéssemos a intenção de voltar para lá, está errada!! Nos traria muita alegria, é claro, que fossemos ao Rio, em visita, por algumas semanas, a fim de apreciar os queridos amigos. Mas voltar for *good*, – não. Isso não quer dizer que achemos tudo ideal por aqui, mas afinal a vida no Brasil também não é tão ideal. E quando se contrapõe o clima, os museus, as bibliotecas, aqui e lá, a escolha então não é difícil. Se vamos ficar aqui permanentemente (nesse meio tempo nos tornamos *Americans*) é outra questão, em aberto. *On verra*.¹⁴

Em Nova York a vida do casal é agitada, principalmente para Hanna, que ministra muitos cursos, mas modesta. O apartamento em que vivem é bastante simples (“não conseguiremos ter um apartamento direito num futuro próximo. Money money Money”).¹⁵ Essa simplicidade é por vezes motivo de troça por parte da própria hanna, como neste trecho de carta aos Ostrower de 23 de outubro de 1955: “– o luxo de nossa casa não tem limites; seis xícaras de café completamente iguais! O nosso

¹⁴ DEINHARD, 1954.

genro nos trouxe talheres, de modo que temos até facas e garfos iguais. Esse fausto é quase insuportável”.¹⁶ Quanto às condições materiais de existência, seguem difíceis. Hanna Levy Deinhard ganha de acordo com o número de alunos inscritos nos cursos, e sem sempre eles acorrem em grande número, como ela explica nessa mesma carta:

No que se refere à New School, mudando de assunto, a falta de otimismo também está correta. Para o curso noturno “From van Eyck to Brueghel” se inscreveu, exatamente, um ouvinte! [...]. Por conseguinte, alterei o curso noturno para um curso à tarde, e agora a cada aula há pelo menos cerca de 10 pessoas.¹⁷

Talvez essa dificuldade de subsistência tenha tido sua parte na nova decisão do casal Deinhard de se mudar, em 1956. Dessa vez o destino seria Israel, onde parte da família de Hanna já vivia. Novo país, novas dificuldades com a língua, mas também novas possibilidades de trabalho. Em carta de 19 de fevereiro de 1956 Hanna comenta com Fayga e Heinz a partida próxima: “[...] os preparativos para a partida estão a todo vapor. E, desde então, eu começo a me alegrar, depois de, na verdade, ter tido somente medo,

¹⁶ DEINHARD, 1955.

– ou em primeiro lugar medo”.¹⁸ Antes de partirem em definitivo, nova carta ao casal Ostrower, de 28 de março de 1956 informa sobre os derradeiros preparativos:

Nós partimos depois de amanhã, Sexta-feira Santa, no “Zion”. Viagem inaugural, de modo que no artigo de fundo do N. York Times nos desejaram boa viagem. [...]. Festas de despedida e farewell wishes e presentes se acumulam, comovem-nos e nos deixam muito cansados! Por isso, apenas mais uma vez daqui os nossos calorosos cumprimentos e saudações, e em breve mais de Israel.¹⁹

Jerusalém

A mudança dessa vez, no entanto, não saiu como o esperado, e Hanna tinha razão em temer a viagem. O casal Deinhard estava há apenas um mês em Jerusalém quando, em meio a uma visita à casa do amigo Shlomit Hoek, em 29 de abril de 1956, Fritz teve um ataque cardíaco e não resistiu. Fayga e Heinz Ostrower souberam do ocorrido através de Shlomit, que lhes envia carta um dia depois, em 30 de abril. Hanna Levy Deinhard ficará arrasada com a perda súbita do companheiro de vida e de exílios, e faz,

¹⁸ DEINHARD, 1956a.

¹⁹ DEINHARD, 1956b.

ainda por meio de Shlomit, um pedido aos Ostrower: “Ela pediu para que não lhe escrevam cartas de condolências. – Ela não vai conseguir lê-las”.²⁰

Haifa

Agora sozinha, Hanna se instala em Haifa, que seria, desde o começo do projeto de mudança, o destino definitivo do casal. É de lá que escreve aos Portinari em 11 de junho de 1956 (**Fig. 4**). Que o processo de luto está sendo árduo podemos perceber nas observações que escapam, como esta: “Eu teria ido a Jerusalém ver o vernissage da exposição, mas Fritz morreu em Jerusalém e ainda não posso ver os lugares onde estive com ele”.²¹

²⁰ HOEK, 1956.

²¹ DEINHARD, 1956f.

Hanna Deishard
5 Bazar Str.
Haifa-Astana

Haifa, 11 de Junho

Saudações! Caros Portinari, - ainda se lembra de mim depois de tanto tempo? Talvez que a Fayga ou o Roberto ou alguma das outras que foram nos visitar em Nova York, transmitiram lembranças. Chegamos aqui 13 de Abril. Mas desde este tempo, a minha vida mudou inteiramente, pois chegamos juntos e agora sou só. Eu teria ido a Jerusalem ver o vernissage da exposição, mas Fritz morreu em Jerusalem e ainda não posso vir os lugares onde estive com ele.

Eu gostaria tanto dar-lhes um abraço. Queri dizer pelo Dr. Schiff, director do pequeno museu daqui, que vezes talvez irão a Haifa. Então seria fácil. Eu tenho telephone: 21336, - mas tenho que subir cada dia, com excepção de sábado, as 7 horas da manhã, e não volto antes de duas e meia. Vejam se dá tempo para nos encontrar, ainda que seja por pouco tempo.

Desde que saímos do Brasil não usi mais o meu nome de jeune fille Levy, mas somente o de Fritz, de modo que não sou mais Hanna Levy como vocês se conhecera. Mas a affecto é a mesma de uma velha amiga e admiradora

Hanna.

Fig. 4. Carta de Hanna Levy ao casal Portinari, Haifa, 11 jun. 1956.
Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/qQFA5u3O0QSaMw?childAssetId=kAGjzEDgLI1Tw&hl=pt-br>

Por meio de Nute, amiga em comum de Hanna e dos Ostrower, Hanna faz chegar a eles uma carta de 21 de julho de 1956 em que desabafa sobre sua situação, agora que está viúva:

Eu não tenho ninguém aqui, que tivesse conhecido Fritz, ou que também tivesse me conhecido. [...] Mas, no fundo, funciono como um autômato. Por fora inteiramente irrepreensível, – tenho certeza que ninguém que não me conhecia anteriormente, pode perceber que alguma coisa está errada, – que eu sou somente um autômato. [...]. Não consigo ler nem uma única linha, – em um verdadeiro livro, penso eu. Meu próprio trabalho, ao qual me prendo com amor, me é por isso proibido, porque aparentemente tudo que me toca internamente, me é insuportável agora.²²

Para Hanna, a vida no exílio, longe de família e amigos, era suportável devido à companhia constante de Fritz, que representava seu lar. Daí o tremendo abalo da perda, que acabou por deixá-la sem chão, como ela mesma procura expressar em várias cartas: “Aliás, a exposição não me é muito importante. Assim o é: nada me é importante”.²³

A carta que Hanna envia aos Ostrower em 21 de setembro de 1956, em que discute qual será seu futuro em Israel, é particularmente tocante:

22 DEINHARD, 1956e.

23 DEINHARD, 1956e.

Queridos amigos,

Obrigada pela carta de Fayga, no qual se encontrava exatamente o que eu intuitivamente precisava: de que nesse vasto mundo ainda exista algum ser vivo que se importa com minha existência. Escrever ainda me é difícil, por isso também serei breve: eu não irei até vocês, porque mesmo que encontre possibilidade dentro de algum tempo, em ganhar um pouco de paz interior, tenho que também externamente sair de novo da pura existência [Dasein] provisória, o que, é claro, já me dá medo de procurar alojamento para mim sozinha. Mas, em todo o caso, tal coisa está certa: eu não sei, na verdade, o que acontecerá comigo no futuro imediato (meu apartamento está alugado até o final de outubro, – e então ir para onde? Jerusalém?). Mas em todo caso vou permanecer um ano inteiro aqui, – quanto tempo é preciso, para se conseguir uma espécie de sentimento, se existe uma possibilidade de vida (exterior e interior) nesse país. *Puis, on verra.*²⁴

Ainda muito abatida, aos poucos Hanna retoma suas atividades. Ela mesma diz aos Ostrowers que “se até agora continuei a viver, continuarei a fazê-lo, – só que de ‘vida’ não se pode chamar exatamente”.²⁵ E aproveita a carta para novo desabafo: considera difícil a vida em Israel, pois não consegue dominar a língua, e a hipótese de retornar à Nova York, onde ainda tinha conhecidos (dela e de Fritz) vai se tornando mais e mais palpável. A certa altura ela chega

24 DEINHARD, 1956c.

25 DEINHARD, 1956d.

mesmo a comparar Haifa com o Brasil:

Muitas coisas daqui me lembram o Brasil: a beleza de Haifa, a vegetação, etc., principalmente a paciência e o provincianismo, isto é, que todos conhecem todos, todos sabem tudo sobre o outro, – se é verdade ou não, é claro que não significa nada – e, enquanto empregos estão em questão, em todo caso na minha área, intrigas. Como isso tudo me é completa- e totalmente indiferente, piso de propósito e constantemente no pé ou nos calos de alguém, em total inocência. I don't care.²⁶

Em 18 de janeiro de 1957 a decisão de retornar aos Estados Unidos já está praticamente tomada, conforme Hanna relata aos Ostrower em carta dessa data.²⁷ E em 13 de abril do mesmo ano as negociações com a New School, para viabilizar o retorno, estão bastante adiantadas. Hanna Levy Deinhart, como sempre muito prática, procura garantir melhores condições de trabalho do que as que dispunha antes da mudança para Israel:

Aliás, a New School se animou em me garantir um rendimento mínimo, mais precisamente, que corresponde ao rendimento que eu fazia no último ano de minhas atividades de ensino também sem garantia. O que sai eventualmente acima da quantia da garantia por meio do acordo de 50:50% das taxas de estudante, que, é claro, recebo também. Uma base de existência (apartamento e comida) está assim, de qualquer

²⁶ DEINHARD, 1956d.

²⁷ DEINHARD, 1957a.

maneira, assegurada, e, além disso, darei no início menos cursos (no máximo 3), de modo que fico com mais tempo livre.²⁸

Nova York

Em 1957 ainda Hanna Levy realiza a mudança para Nova York. Sua vida de migrante continuaria a ser relatada nas cartas trocadas com os amigos, os sucessos e os insucessos, o trabalho, ao qual ama praticamente sob quaisquer circunstâncias. Dará aulas em vários lugares, chegará a se firmar como professora universitária e os últimos anos serão passados na Suíça. O exílio, com a conseqüente constante luta pela sobrevivência, como vimos aqui, cobrou seu preço material e emocional. Hanna, sempre sobrecarregada de aulas, iria publicar apenas dois livros em vida, a tese de doutorado, ainda em 1936, e aquele que resultou de seu alentado projeto de constituir uma abordagem sociológica da arte. São contribuições inestimáveis à historiografia da arte, sem dúvida, realizadas em condições adversas. Condições que o atual interesse pela vida dos exilados e diaspóricos, como disse no início desse texto, estão finalmente sendo melhor conhecidas

²⁸ DEINHARD, 1957b.

pelos pesquisadores, importantes que são para a compreensão do sistema das artes, com suas diferenças de acesso e com suas estruturas hierárquicas específicas.



Fig. 5. Fotografia de Hanna Levy (1912-1984)

REFERÊNCIAS

- BELOW, Irene. „Jene widersinnige Leichtigkeit der Innovation“. Hanna Deinhard's Wissenschaftskritik, Kunstsoziologie und Kunstvermittlung. In: HUDSON-WIEDENMANN, Ursula ; SCHMEICHEL-FALKENBERG, Beate. *Grenzen Überschreiten. Frauen, Kunst und Exil*. Würzburg: Verlag Königshausen & Neumann, 2005, p. 151-180.
- BELOW, Irene; DOGRAMACI, Burcu. Kunst und Gesellschaft zwischen den Kulturen: Die Kunsthistorikerin Hanna Levy-Deinhard im Exil und ihre Aktualität heute. München : Edition text + kritik, 2016.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci ; STRAUSS, Dieter (Org.). *Brasil, um refúgio nos trópicos. A trajetória dos refugiados do Nazi-Fascismo*. Brasilien, Fluchtpunkt in den Tropen. Lebenswege der Flüchtlinge des Nazi-Fachismus. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Nova York, 4 mai. 1948a. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.
- DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Nova York, 6 jun. 1948b. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.
- DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Nova York, 27 jan. 1949a. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.
- DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Nova York, 3 ago. 1949b. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.
- DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Nova York, 21 nov. 1954. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.
- DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Nova York, 23 out. 1955. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower.

Datiloscrito.

DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Nova York, 19 fev. 1956a. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.

DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Nova York, 28 mar. 1956b. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.

DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Haifa, 21 set. 1956c. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.

DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Haifa, 7 dez. 1956d. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.

DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Jerusalém, 18 jan. 1957a. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.

DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Haifa, 13 abr. 1957b. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.

DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Elizabet Stockhausen. Haifa, 21 jul. 1956e. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.

DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Maria e Candido Portinari. Nova York, 17 out. 1949c. Projeto Portinari. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/8wHfPbaiJiDIfQ?childAssetId=QgGsl3NDJEV9A&hl=pt-br>. Acesso em: 20 ago, 2020.

DEINHARD, Hanna Levy. Carta a Maria e Candido Portinari. Haifa, 17 out. 1956f. Projeto Portinari. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/qQFA5u3O0QSaMw?childAssetId=kAGjzEDgIL1Tw&hl=pt-br>. Acesso em: 20 ago, 2020.

HOEK, Shlomit. Carta a Fayga e Heinz Ostrower. Jerusalém, 30 abr. 1956. Tradução: Bettina Grieco. Instituto Fayga Ostrower. Datiloscrito.

KAPSNER, Claudia. Hanna Deinhard; http://www.kunstgeschichte.uni-muenchen.de/forschung/ausstellungsprojekte/einblicke_ausblicke/

[biografien/deinhard/index.html](http://www.kunstgeschichte.uni-muenchen.de/forschung/ausstellungsprojekte/einblicke_ausblicke/biografien/deinhard/index.html) [Acesso em: 20 jul. 2012].

KERN, Daniela. “Welches Glück ich hatte, dank Ihrer Hilfe noch grade vor Toresschluss in Brasilien einwandern zu können”. Max Horkheimer, Friedrich Pollock and Hanna Levy`s exile in Brazil. In: BELOW, Irene; DOGRAMACI, Burcu. Kunst und Gesellschaft zwischen den Kulturen: Die Kunsthistorikerin Hanna Levy-Deinhard im Exil und ihre Aktualität heute. München : Edition text + kritic, 2016. p. 161-174.

KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas*: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEVY, Hanna. Carta a Horkheimer. Paris 29 dez. 1936. Archivzentrum der Universitätsbibliothek Frankfurt a. M.: Na 1 Nachlass Max Horkheimer, Nr.32, 461. Disponível em: <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002322>. Acesso em: 20 jul. 2015.

LEVY, Hanna. Carta a Pollock. Rio de Janeiro 8 set. 1938. Archivzentrum der Universitätsbibliothek Frankfurt a. M.: Na 1 Nachlass Max Horkheimer, Nr.32, 447. Disponível em: <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002306>. Acesso em: 20 jul. 2015.

RABINBACH, Anson. In the Shadow of Catastrophe. German Intellectuals Between Apocalypse and Enlightenment. Los Angeles: University of California Press, 2001.

WENDLAND, Ulrike. Deinhard, Hanna. In: WENDLAND, Ulrike. *Biografisches Handbuch deutschsprachiger Kunsthistoriker im Exil*, Bd 1. München: K. G. Saur Verlag GmbH & Co., 1999, p.112.